

# O COMUNISTA

GES  
PCP

Número avulso 20 centavos  
Propriedade do grupo editor  
"O Comunista,"

Redator  
A. CARLOS RATES  
Editor  
JOSÉ RODRIGUES



Publicação

quinzenal

Redação e administração:  
Rua do Conde das Antas, 51, r/c  
Composição e impressão:  
R. da Procição, 76-L. — T. do Jardim, 12

## SEJAMOS MARXISTAS!

O Partido Comunista Português foi criado por simpatia para com a Revolução Russa e constituído na sua quasi totalidade por antigos anarco-sindicalistas. Daí o facto de em mais de trez anos de existência o P. C. não ter feito educação comunista, tal como preceitua e entende a I. C. Muitos filiados do I. C. não tem o menor reboço em proclamar o seu anarquismo, sem se aperceberem do abismo profundo que separa as duas filosofias—a marxista e a anarquista e sem sentirem que as teorias de Moscou se baseiam nas doutrinas do grande mestre que foi Carlos Marx.

O facto é que existe um antagonismo profundo entre o comunismo marxista e o comunista anarquista, se não na finalidade, pelo menos nos meios de atingi-lo.

Estas duas tendências opostas hão-de inevitavelmente chocar-se na Revolução que nos espereita.

Os anarquistas partem do principio de que são os homens e as ideias que produzem os acontecimentos; nós, os marxistas, partimos do principio oposto, isto é, estamos convencidos de que são os acontecimentos que arrastam os homens e fazem brotar as ideias.

Para os anarquistas, a Revolução Franzeza 'será a obra dos enciclopedistas, de Voltaire, de Rousseau, de Marat, de Danton e de Robespierre. Para nós, os marxistas, a Grande Revolução tem origens bem mais profundas. É o triunfo duma classe cujas condições materiais de desenvolvimento se vinham operando desde séculos. O trabalho servo não comportava o do commercio. A Revolução tornou-se por isso inevitável.

Decerto, a nossa filosofia da História do indica que é inútil a ação humana, que essa ação se deva excluir. O que nós queremos é que essa ação corresponda aos factos materiais existentes para não resultar inefficaz.

Os marxistas fazem brotar o comunismo não como um produto das suas incanações mas como uma consequencia necessaria dos seguintes factos: 1.º — A revolução capitalista conduz á concentração das forças economicas e estimula as invenções scientificas que utiliza para aumentar a produção; 2.º — A concentração das forças economicas faz nascer o proletariado cujo antagonismo de interesses com os seus exploradores gera o agrupamento das forças rivais e a luta das classes; 3.º — O desenvolvimento das

forças produtoras exige a extensão dos mercados, quer para a colocação dos produtos excedentes, quer para o fornecimento de materias primas; 4.º — A necessidade de expansão do capitalismo cria o imperialismo ou seja a absorção pelos Estados mais vigorosos dos Estados mais debéis; 5.º — As tendencias imperialistas dos Estados mais vigorosos chocam-se, arrastando guerras, crises e devastações, cujas consequencias determinam o exacerbamento da luta de classes e a aparição duma nova formula social—o comunismo.

Da mesma forma que o capitalismo não se in dum jacto do feudalismo, sendo mister que a burguezia se apoderasse revolucionariamente do poder para assegurar as suas conquistas anteriores e prosseguir em novas conquistas, assim tambem o proletariado terá de proceder. O comunismo, isto é, o consumo á vontade, só é realisavel depois de intensificar no maximo os meios de produção, de dar todo o desenvolvimento á maquinaria moderna e o possivel aproveitamento ás riquezas naturaes, coisas estas que o capitalismo não pode fazer por se oporem aos seus interesses. De facto, o capitalismo só tem interesse no aumento da produção até ao limite da capacidade de compra que se manifesta nos mercados. Uma superprodução além dos limites daquela capacidade, é-lhe prejudicial porque leva á paralisação das forças de produção e por consequencia á restrição da possibilidade dos lucros.

Para os anarquistas não ha que ter em conta estes factores. O homem por si só fará tudo. É verdade que eles se contradizem quando aceitam o determinismo e proclamam que é necessario modificar o ambiente para modificar o individuo.

Frequentemente, nós ouvimos dizer aos anarquistas que o proletariado poderia ter conquistado a sua liberdade completa em 1789 se não se deixasse guiar pelos Dantons e Robespierre.

Ora os anarquistas sabem tão bem como nós que não ha liberdade politica sem liberdade economica. Como poderia o operariado desses tempos conquistar a sua liberdade completa se o proletariado nem como classe existia, por assim dizer? Lyon, que era então o maior centro manufactureiro, não contava mais de 80.000 operarios; Paris tinha 16.000; Bordeaux e Marselha, menos ainda. Onde estava o elemento propulsor e factor da Revolução, como a concebem os anarquistas? E não existindo ainda a maquina e o vapor,

## Sumario

- Sejamos marxistas!*  
J. Carlos Rates
- O Comunismo na teoria e na pratica*  
Clara Zetkin
- Teorias e factos*  
Ferreira Fontes
- A crise do capitalismo e a revolução internacional*  
N. Boukharine
- Portugal e Hespanha*  
J. Carlos Rates
- A situação da Russia*  
Pierre Pascal
- O fascismo e o governo operario*  
*O congresso de Hamburgo e os socialistas portugueses*  
*A questão agraria*  
*Organização comunista, meios e fins*

como tornar efetivas a abundancia e a circulação dos produtos que assegurassem a todos o maior bem estar?

E ainda mais:— o comunismo é essencialmente internacionalista. Desde que subsistam as barreiras fiscaes subsistirão as rivalidades economicas e por consequencia os exercitos.

Com que apoio externo contaria em França, em 1789, uma revolução que se abalancasse a suprimir todo o direito de propriedade privada, se a simples queda do feudalismo concitou contra a França a Europa inteira? A Inglaterra? Mas a Inglaterra dos fins do seculo XVIII não tinha proletariado. Era um paiz agricola e comerciante. É nos principios do seculo XIX, com a descoberta do vapor e o desenvolvimento da maquinaria, que ela pode dar applicação aos seus vastos e ricos jazigos de hulha e ferro, convertendo-se de paiz agricola em paiz industrial.

Estes factos essenciaes não os querem os anarquistas tomar em consideração. E eles são tudo.

Para os anarquistas, a Revolução é o corollario da evolução psicologica dos povos. A educação é tudo. E eles, olhando as massas, vendo o seu atrazo mental, não acreditam, não podem acreditar no triunfo da Revolução. Mas as massas sindicais acreditam na Revolução e atuam nesse sentido! É que não são anarquistas, muito pelo contrario, são comunistas sem o saberem.

Só a filosofia marxista nos faz ver a inevitabilidade da Revolução, só ela nos dá a fé que é indispensavel para remover montanhas.

Sejamos marxistas!

J. Carlos Rates

# A crise do Capitalismo e a revolução internacional

A guerra de 1914-1918 provocou um aniquilamento de forças de que não ha exemplo na Historia. Uma incomensuravel quantidade de meios de produção e de mão-de-obra humana, a mais produtiva, foram aniquiladas; além disso, tendo uma grande parte das forças vivas sido applicadas na fabricação de produtos sem valor de consumo, resultou uma perda de energia inutil e uma consideravel perda de riqueza.

Os esforços dos trusts capitalistas no sentido de compensar estes desperdícios, pelo aperfeiçoamento das forças de organização não fizeram mais do que intensificar a luta entre os Estados.

A desorganização da circulação internacional e do sistema de divisão do trabalho, as perturbações nas normas financeiras entre os particulares e os Estados, o desequilibrio dos cambios, as dividas colossaes dos Estados, todos estes resultados da guerra não fazem senão accentuar a desorganização da economia capitalista mundial.

Se os sistemas economicos imperialistas se sugeltessem a modificações profundas, certamente que os paizes colonias e semi-colonias, aproveitando-se da fraqueza dos Estados imperialistas, obteriam uma maior independencia economica.

Este facto atacaria pelas bases a prosperidade economica das metropoles e igualmente agravaria a crise geral.

Todos os factos fundamentais citados, do periodo da guerra e depois, encontram a sua expressão material no abaixamento dos rendimentos publicos. Este abaixamento provoca, por sua vez, uma irritação da luta pela sua repartição entre as diferentes oligarquias financeiras, que se fa-

zem concorrência entre as colonias e as metropoles, e, enfim, entre a burguesia e o proletariado, ao qual tendem a unir-se os grupos sociais intermediarios, que muito particularmente sofreram com a guerra.

No seu conjunto, a situação do capitalismo depois da guerra é caracterizada por uma instabilidade extrema em todas as esferas da vida — economica, politica, social e intelectual. — Com efeito, no fundo da crise geral apparecem os sinais manifestos duma profunda desagregação ideologica da burguesia: — a sua volta á religião, ao misticismo, ao ocultismo, etc., anuncia claramente a ruina proxima da civilização burguesa.

A exacerbção da luta de classes, tendo começado durante a guerra, levou á ruptura da frente unica do imperialismo no seu sector mais vulneravel — na Russia. Assim, a revolução levada a efeito em novembro de 1917, pelo proletariado russo, que, graças a condições particularmente favoraveis, abateu o regime burguez, inaugurou esta revolução internacional da qual é a Russia o primeiro elo.

O facto da existencia da Russia sovietista, centro organisador do movimento proletario universal, reveste-se de uma importancia excçãoal sobre o globo e constitue pelo seu regime, oposto por principio ao regime capitalista, uma cunha espetada no sistema capitalista mundial. Por outro lado, é o plano mais solido do movimento proletario, porque na Russia a classe operaria tem á sua disposição todos os meios e todos os recursos do Estado.

N. Bukharine

## O Congresso de Hamburgo e os socialistas portuguezes

Eis concretizadas algumas das revoluções tomadas no congresso de Hamburgo que reuniu os sociaes democratas que faziam parte das Internacionais socialistas de Londres e de Viena.

1.º — A Internacional Operaria Socialista é constituída pela união dos partidos operarios socialistas que reconhecem na substituição da palavra de produção capitalista pela palavra de produção socialista o fim da emancipação da classe operaria. Todavia tendo em vista as divergencias de opinião nos partidos aderentes sobre a definição do modo socialista de produção e considerando que toda a tentativa de modificação do modo de produção existente introduziria novas perturbações na produção, já tão abalada pela guerra e pelos excessos revolucionarios, o dever supremo de todos os partidos socialistas

é colaborar com toda a sua energia no restabelecimento da economia capitalista.

2.º — A luta de classes constitue o meio de emancipação da classe operaria. Ela é uma teoria sociologica que pretende explicar o passado historico como o presente, pelo jogo dos interesses antagonicos entre os diversos elementos de que se compõe a sociedade humana. Nos paizes civilizados ela toma sobretudo a forma de eleições periodicas.

3.º — O emprego da violencia nas lutas politicas e sociaes deve ser condemnado da maneira mais positiva. A burguezia applica, infelizmente, a ação violenta em muitos paizes, principalmente nos ultimos anos, mas por isso mesmo a burguezia se compromete aos olhos do mundo civilizado. A classe operaria não deve jamais manchar as suas mãos por atos de vio-

lencia. A sua melhor arma na luta contra a violencia dos seus adversarios burguezes é a indignação moral. Todavia, por excção, os partidos socialistas podem recorrer á força para evitar um mal maior ou quando se trata de esmagar as sublevações de extremistas criminosos e irrefletidos.

Os extremistas criminosos e irrefletidos somos nós, os comunistas, porque:

14.º — O comunismo deve ser combatido por todos os meios. A I. O. S. não cumprirá a sua missão historica se não contribuir na medida do possivel para o esmagamento do comunismo. O comunismo tende a estabelecer uma ditadura sobre as ruinas do regime da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade e das mais belas conquistas da democracia. O comunismo troça do direito da classe operaria se dirigir a si mesma e calca aos pés a vontade das massas proletarianas para as submeter á vontade e ao capricho dum pequeno grupo de chefes ambiciosos.

E ainda:

15.º — Em caso algum será permitido formar a frente unica com os comunistas. Os socialistas poderão formar a frente unica com todas as classes e todos os partidos burguezes da sua nação para a luta contra o inimigo exterior, para a defesa da democracia e da republica, para a intensificação da produção nacional. A frente unica com os comunistas é interdita não só porque ela constituiria uma traição aos nossos principios democraticos mas tambem porque uma tal aliança arrastar-nos-ia a combates irrefletidos, conduzidos por meios perigosos e repreensiveis.

Que dirão a isto os velhos companheiros de Azedo Gneco que, atrrvez de tudo, nunca repudiaram Marx? Qual será, em face d'isto estopendas decisões, a attitude dos combativos como Martins Santareno e Eduardo Cardoso? Que pensará de tudo isto o velho mas sempre brilhante e vigoroso jornalista Luiz de Figueiredo?

## Futurismo!

Que delirio! Que delirio!... as almas sinistras da reacção expulsas do paraíso da paciencia humana e vagabundeando em errante giro pelos negros espaços da detrocada certa...

Não compreendem? E' um trecho da prosa dominical do Clemente Vieira dos Santos.

E é com este recheio de palavreado esteril e incompreensivel que se prepara o espirito das massas para o ato revolucionario, é com esta bagagem literaria que ele quer preparar a Terra livre para a Humanidade livre.

E' simplesmente pavorosa esta falencia de ideias realizadoras da parte dos que dirigem e não menos pavorosa a paciencia inexgotavel dos que são dirigidos.

Atravessa-se uma hora tragica para os destinos do mundo. O capitalismo debilita-se numa crise tremenda. E é precisamente neste momento que o lirismo libertario explode em frases extravagancias, cujo efeito unico é provocar o riso e a chacota.

E lembrarmo-nos de que ha tantos problemas de ordem moral e economica a esclarecer, em provelo real do proletariado...



# COMUNISMO

# COMUNISMO

## NA TEORIA E NA PRÁTICA

**Temos lido a tua prosa retorçada e insípida, Manuel Joaquim de Sousa.** Com dificuldade, com aborrecimento, mas temos lido o que has escrito sobre *A questão internacional*. Falas de cátedra, pavia sem penas, aos teus queridos 21, pobres pequenos que ousaram expôr pensamentos e doutrinas sem que tu lhes expliques as guerras punicas e as aventuras de Alexandre Magno, que devem ter tido uma influencia decisiva naquela coisa que vai pela Russia.

E atreves-te tu — já é preciso bofo — a qualificar de pseudo-revolucionario o espirito de Moscou. E' o Sapo a querer cuspir nas estrelas! Então creaturas como Lenine, Trotski, Zinoviev, Boukharine, etc., condenados a morte unis, exilados outros, por serviços a causa proletaria, precisam do teu atestado para serem considerados revolucionarios?

O melhor atestado do revolucionarismo de Moscou é o que lhe passa todos os dias a imprensa burguesa. Ao contrario, vê lá se alguém se ocupa da esqueletica internacional de Berlim? E tu? Quem és tu? Que sacrificios te deve a causa revolucionaria dos operarios? Nunca fostes preso que saibamos.

O mesmo não poderão dizer os 21 a quem acusas de má fé e que tem sofrido prisões e dissabores. Então é homem de má fé o João Pedro dos Santos, encarnado nas lutas operarias e que tem uma obra como é o sindicato dos arsenalistas do exercito, uma obra toda feita de persuasão, de fé e consciencia, em anos e anos seguidos de trabalho sereno e não espetaculoso? Então é homem de má fé o Julio Luiz, bohemio e abruço ás vezes, mas espelho fiel de lealdade, coração generoso e dedicado?

Então, é homem de má fé o Augusto Machado, impulsivo talvez, mas um grande exemplo de trabalho e de austeridade?

Então, é homem de má fé o Sá Viana, que em mais de 30 anos vem dando o seu trabalho probo e escondendo o nome? E que dizer de Francisco Verissimo e dos demais?

Catão, tu? Mas nós sabemos que já defendeste a ditadura do proletariado e os tribunales revolucionarios oh! Espartaco de revista!

A tua obra como secretario da C. G. T., é uma obra de desagregação que reflete o teu sectarismo e os teus rancores. Encontreaste a unidade operaria e fizeste a sua dissoluçã; encontreaste 120.000 sindicatos na C. G. T. e deixaste-lhe 80.000. Eis a tua obra.

E ha ainda as pequenas cousas que de-findm e completam o teu carater.

Na convivencia intima tu bebes sempre o nosso café mas nunca alguém o bebeu que tu o pagasses. Nos auxilios pecuniaros para obras de solidariedade, tu és sempre o ultimo a dar, quando não podes escapar a dar.

Não nasceste para dar, nasceste para receber.

Podes lá acreditar-se na tua dedicacão por alguma coisa! Talvez pela burocracia sindical.

Revolucionario intransigente?  
Bem te vimos, Catão!

Desde o seu inicio, a revoluçã russa manifestou o seu carater proletariano. A sua politica economica devia ser orientada com fins comunistas. O poder politico dos sovietos chamando a si a tarefa de realizar o comunismo, devia abolir a propriedade privada dos meios de produçã. E não devia ao restringir-se a isso a sua açã mas reorganizar todo o sistema economico, metabolicamente, com o espirito comunista. A tarefa era formidavel. No decurso deste trabalho toda a tragedia da revoluçã russa apareceu.

Esta tragedia consiste na contradicção que existe entre a vontade apaixonada de edificar imediatamente o comunismo e de o aplicar integralmente e a fragilidade das bases economicas e sociais dadas.

Se queremos compreender aitamente a politica economica da revoluçã russa, devemos ter em conta as forças economicas e sociais de que dispunha o Estado proletariano para realizar o comunismo.

### A Russia quasi não tinha

### Industria nem proletariado

Quaes eram as forças sobre as quaes a revoluçã poderia apoiar-se para obter a transformacão comunista do regime social e economico? Por oposicão ao socialismo utopico, o marxismo admite que a base da revoluçã social é formada pelo progresso economico e tecnico, pelo desenvolvimento formidavel das forças produtoras, dos metodos e dos processos de trabalho mais aperfeiçoados; ao mesmo tempo o proletariado manual e intelectual pelo seu crescimento, forma a maioria superior da populacão, capaz de resolver os problemas economicos e sociais postos pela preparacão e instauracão do comunismo. Como se encontra a Russia dos sovietos sob este ponto de vista? O Estado dos Sovietes, anemolha-se, pela sua estatura economica e social, a uma piramide invertida em equilibrio no cimo dum rochedo.

Em baixo, como ponto de apoio, uma industria de creacão recente, atrasada, pouco desenvolvida, sob o ponto de vista da mecanica, um proletariado jovem, pouco numeroso, pouco instruido, pouco apto a administrar e a orientar-se no sentido de proporcionar o melhor rendimento, e por outro lado ainda, pouco experimentado na gestã e direcção dos negocios publicos. Sobre esta base estreita, limitada, repousa o fardo pesado duma economia e duma populacão da pequena e media burguesia, nas quaes as formas de produçã as mais atrasadas, tem ainda o direito de cidade, segundo a expressã de Rosa Luxemburgo. Evidentemente a esta situacão corresponde uma mentalidade especial.

Se nós constatamos este estado de coisas, devemos dizer: é um milagre que esta piramide invertida se mantenha ainda em equilibrio, apesar de todos os esforços da contra-revoluçã que, durante cinco anos, a tem procurado abalar.

Para que o edificio revista, é preciso que a base estreita da industria moderna, do proletariado moderno, se alargue rapidamente, se desenvolva e se consolide. O equilibrio poderá tornar-se mais estavel se esta base se alargar cada vez mais, se a revoluçã crear pontos de apoio exteriores, para alem das fronteiras. Se o proletariado estivesse em estado de crear outros estados sovietistas da grande desenvolvimento industrial e de cultura superior, esta solidariedade fraternal engrandeceria e consolidaria os fundamentos da Russia dos Sovietes, apressando assim a marcha para o comunismo.

Nada disto sucedeu; não se crearam ainda novos Estados Sovietistas. Eis porque a revoluçã russa e o seu filio, o Estado proletariano, tiveram que achar um modo de lidar com a classe camponesa e com os capitalistas pequenos e camponeses. E é a este que consiste a nova politica economica.

Para fazer um juizo reto do verdadeiro valor desta politica, é preciso não perder de vista a situacão especial da Russia. Não devemos perguntar se as medidas adoptadas correspondem intrinsicamente a um plano de Revoluçã social perfeita, elaborado num gabinete de cidade. Não, é preciso ver unicamente se as medidas são adaptaveis às circunstancias existentes, que se é

forçada a aceitar taes quaes são, é preciso ver se elas são orientadas para o fim geral do comunismo.

E' sobretudo a politica agraria dos bolchevistas que deve ser encarada sob este ponto de vista. Esta politica provocou uma critica violenta, não somente no seo dos reformistas e dos burgueses, mas até entre os proprios comunistas. E' absolutamente necessario compreendê-la bem nas suas linhas gerais, — porque não podemos entrar em detalhes — para compreender a Revoluçã russa. Esta compreensã é por outro lado muito importante para resolver os problemas que se apresentaram deante do proletariado mundial depois da conclusã do poder politico, apesar da diversidade de condições.

### O usufruto pessoal da terra

### desaparecerá à medida que

### forem alargando os quadros

### do proletariado fabril.

Para fazer um juizo da politica agraria dos bolchevistas, deve-se recordar que o capitalismo, apesar da extensã dos seus recursos, tem sido impotente para triunfar da pequena propriedade camponesa e de a compellar a formas de exploracão superiores.

Sem duvida, o capitalismo proletariano regicões inteiras de pequenos camponeses. Mas a forma da pequena propriedade subsiste através de tudo. Não temos necessidade de recorrer aos países balkanicos que tem um carater predominante de pequena propriedade rustica, e é inutil mesmo recordar a multidão de pequenos camponeses de Italia e da França, porque n'um país de grande desenvolvimento industrial, a Alemanha, eles formam ainda uma categoria muito poderosa.

Como se podia esperar que a revoluçã russa, que a politica agraria dos bolchevistas, se desembracasse num instante da pequena propriedade rustica? E tendo-se em conta que a maioria esmagadora dos habitantes pertencem a esta categoria, a revoluçã na Russia não era possivel sem uma politica agraria que satisfizesse os seus camponeses. Eles atingem 80% da populacão russa, dos quaes 2/3 cultivam a terra por suas mãos.

A revoluçã, a conquista do poder politico para o proletariado, teria sido impossivel se tivessem sido dirigidos contra a vontade dessas massas. Em ou ainda mais longe. Sem o seu apoio, a revoluçã não teria sido possivel.

Esta politica agraria foi inaugurada por um primeiro decreto abolindo a propriedade privada do solo e do sub-solo. O direito de posse e de exploracão foi reconhecido individualmente a todos os individuos, sem distincão de sexes, que cultivassem as suas terras. Durante um certo periodo a grande propriedade foi tomada pelos camponeses e repartida sem metodo, anarquicamente; e gado dos grandes domosios, as maquinas, as ferramentas, a creacão, foram tambem repartidos.

Um novo periodo veio em seguida durante o qual se procurou organizar a repartição do solo, segundo as regras estabelecidas, evitando-se fragmentar a grande propriedade agraria e buscando-se introduzir metodicamente a pequena propriedade rustica na economia nacional.

A necessidade de possuir a terra havia tomado as massas camponesas revolucionarias; o poder dos Sovietes, satisfazendo esta necessidade, fez dos camponeses os seus mais ardentes defensores.

Tem-se dito contra a politica agraria dos bolchevistas que ela está em contradicção com o fim do Estado sovietista de preparar a realizacão da revoluçã comunista. Mas ainda, tem-se dito que não fortalecia o camião para a contra-revoluçã, era nada disso é realidade.

O usufruto pessoal da terra desaparecerá à medida que forem alargando os quadros do proletariado fabril. A medida que se obtiver a introduçã da mecanica na economia agraria. E esta tarefa será tanto mais rapida quanto mais alargar a Revoluçã proletaria na Europa.





# O fascismo e o governo operário

O que é o fascismo? Politicamente, o fascismo é para o operariado a perda das conquistas assinaladas desde os fins do século XVIII e princípios do século XIX. A liberdade de associação, de reunião, de imprensa, de greve, tudo isso fica sendo letra morta.

O fascismo, tal como nós o compreendemos, não é simplesmente um produto da imaginação humana. A sociedade burguesa, em crise, em decomposição, tentará salvar-se por um esforço supremo. É a luta desesperada do naufrago a quem o abismo aterra. Eis o fascismo. O fascismo é a entrada em ação das últimas reservas do Estado burguez.

Não evita definitivamente a sua queda, mas protela-a e esmaga durante a sua existência, naturalmente efêmera, os melhores valores do proletariado em ação e capacidade.

Não é possível o fascismo? Quem o diz? O cazarismo surgiu numa sociedade em decomposição e as vinte e duas punhaladas que trespassaram o peito de Cezar não impediram que o talento mediocre de Augusto creasse o imperio. O impulso estava dado pela corrupção dos costumes e pela divergencia dos interesses e Cezar foi apenas o génio que soube ver o momento e delinear o sistema.

Não é possível o fascismo? Mas quem diria ao povo francez, em 1793, que seria possível Napoleão I depois da convenção, onde as vozes potentes de Danton, de Saint-Just e de Robespierre, fulminaram os despotas coroados?

Não é possível o fascismo? Mas depois de 1848, Luiz Napoleão; depois da Comuna, Thiers e Galiffet.

Não é possível o fascismo? Lá está na Bulgária, na Romenia, na Ingolavria, na Polonia, na Hungria e na Italia que espalhou na Europa os executores dos reis. O fascismo surgiu na Italia, depois da posse das fabricas pelos operarios. Um atofdestes atesta uma grande força efetiva do proletariado. Mas este, hesitante entre os reformistas e os lunaticos anarquistas, não compreendem que a posse do poder politico era tudo e cahiu miseravelmente a meio da sua vitoria. O proletariado italiano não encontrou leaders como Lenine e Trotski mas negativistas como Malatesta e Borghi. A Italia teria sido bolcheviata como é fascista.

Certo é que o proletariado portuguez tem de prevenir-se contra o fascismo, tomando-lhe a dianteira, congregando todas as suas forças, hoje dispersas: chamando a si os camponeses pobres, pequenos proprietarios, tão explorados e mais, em certos pontos, do que o proletariado das cidades; chamando e, ainda, os subalternos, os sargentos e os soldados, que morrem de miseria como o mais infimo dos trabalhadores; conquistando a simpatia dum grupo consideravel de técnicos e, feito isto, que não é tarefa difficil abando o ambizão, derrubar o que ali está.

E depois?

Eis o esquema do programa dum governo operario e camponez:

1.º — Todos os organismos de admi-

nistração publica, desde a junta do freguezia ao corpo legislativo central serão constituídos:

1.º — por representantes dos operarios, dos camponeses pobres, dos soldados e das corporações tecnicas e scientificas, 1/3 por representantes eleitos por sufragio direto.

2.º — Nacionalisação da propriedade latifundiaria e sua divisão pelos camponeses, a titulo usufrutuário sob o principio — a cada camponez a terra que possa trabalhar com sua familia e por suas mãos.

Assistencia tecnica e financeira garantida pelos órgãos administrativos do Estado. Estimulo e auxilio ás organizações cooperativistas dos pequenos produtores agricolas.

3.º — Nacionalisação da industria bancaria e do seguro e sua administração pelo Estado.

4.º — Organização e trusts das empresas ferro-viarias, e dos transportes maritimos de longo curso, com administração autonoma e participação na gerencia pelo Estado, e pelos organismos operarios.

5.º — Organização gradual e metódica da grande industria em trusts do Estado, controladas pela organização operaria.

6.º — Estatística e controlo da media e pequena industria, pelo Estado.

7.º — Monopolio pelo Estado do comercio externo.

8.º — Estimulo e auxilio ao cooperativismo de consumo e de produção.

9.º — Monopolio pelo Estado da instrução publica, orientada quando possível na sentido tecnico e profissional. Separação absoluta da Igreja e da Escola.

10.º — Reforma do exercito de terra e mar, convenientemente depurado e reorganizado no sentido miliciano e inacessível ás classes não produtoras da riqueza.

11.º — Encerramento em absoluto e geral das tabernas e casas de tavolagem.

12.º — Recurso ao chamamento de classes para a construção e reparação de estradas e qualquer outras obras de fomento consideradas indispensaveis e convenientes ao desenvolvimento da economia nacional.

Evidentemente. Isto não é o socialismo nem sequer a ditadura do proletariado. Mas a nossa molindrosa situação — sob os pontos de vista, geografico, economico, militar, intelectual e social — não permite ir mais além. Trata-se ainda dum regime democratico mais ou menos revolucionario.

Os homens que desejam a transformação social tem obrigação de fazer alguma coisa mais do que perambularem palvreado inutil. Não ha o direito de ficar nisso. A não ser que se peralista com auxilio as revoluções alheias, trocando uns homens pelos outros, sem bojar na estrutura politica e economica do organismo social.

Neste caso não terá o proletariado que queixar-se do fascismo, que triunfo se faria assim inevitavel. Nada de transigencias, mantendo-se a pureza dos nossos principios. Não se dá a mão a burguezes e anarquistas. Operarios! Este palvreado, serve-lhe

a maravilha para cobrir a sua covardia, e os bojar as responsabilidades, a sua falta de capacidade construtiva e reorganizadora.

Vê-lo-lhe também pelas secretarias dos ministros, solicitando favores como está aqui.

## As prisões

No sábado, 7 do corrente mez, produziu-se uma manifestação de protesto contra o funcionamento do Tribunal de Defesa Social, do que resultou ficarem feridos com estilhaços de bombas, dois dos juizes do referido tribunal de exceção e outras pessoas.

Quem cometeu o ato? Não se sabe ainda. Mas as prisões de operarios contam-se por mais de uma centena e é obra de duvida e facilmente se demonstra que a quasi totalidade deles estava a essa hora na officina. Não é isto estúpido? Toda a gente compreenderá assim, exóto o governo e a sua policia.

Nós não choramingamos e vemos as coisas como elas são. O governo tem naturalmente o mandato de defender a sociedade que representa. Não compreendíamos que o não fizesse. Também nós queremos a conquista do poder politico e, certamente, uma vez na posse desse poder, não permitiremos as conspirações burguezas que serão reprimidas com energia e segurança, de modo que esses conspiradores não tenham vontade e possibilidade de reincidir. Ai de nós se a justiça operaria não fosse mais rapida, segura e completa!

Mas trata-se aqui, não de criminosos, não de conspiradores, não de fabricantes e lançadores de bombas, mas de operarios provadamente inocentes que estavam nas officinas á hora do atentado. Presos, porque, então? Por terem ideias? Ora é isto que um governo constitucional não pode fazer. O n.º 14 do art.º 3.º da Constituição é expresso a este respeito. Se se tratasse dum governo fascista não tínhamos que estranhar um tal procedimento e não nos caberia outra coisa que não fosse murmurar: c'est la guerre.

Querera o sr. Antonio Maria da Silva coveredar por este camião? Os factos se encarregarão de dar a resposta pedida.



O governo entrou no caminho das perseguções violentas. A presença do atentado de largo de São-Vieira levou presos inumeros camaradas nossos.

A maior parte deles estavam nas officinas quando se produzio o atentado, e que é facil provar. Porque foram presos? Por serem comunistas. Essas camaradas tem familia de que não se pode falar.

Esperamos pela que todos tenham sempre a sua dor com trotski e sua vontade.

# O programa de ação do Partido Comunista

## A frota russa do Mar Negro

### O P. C. e a ação internacional :

Em todas as questões e campanhas de ordem internacional o P. C. acompanha-as, seguindo as diretrizes decididas nos Congressos Comunistas e pelos órgãos diretores da I. C. apresentando-as e expondo-as às massas, por uma forma simples que por elas seja facilmente assimilável.

### A ação do P. C. nas instituições burguesas :

O P. C. entende que as instituições burguesas, de classe, como o parlamento, as câmaras municipais, as juntas de freguesia, etc., estão destinadas, umas a desaparecerem, outras, a modificarem-se e a adaptarem-se aos moldes duma sociedade socialista. Mas, entende também que o proletariado deve na sua multiplicação reconstrutiva e demolidora dar combate à burguesia no seio das suas próprias instituições de classe, quer políticas quer económicas, e por isso preconiza a ação parlamentar, não como uma ação primordial, e essencial mas como uma ação conveniente ao exercício constante da crítica e do combate à organização social vigente e ainda como veículo da propaganda e difusão das ideias comunistas.

O P. C. repudia entretanto toda a ideia de colaboração com os partidos políticos tradicionais, quer na administração central do Estado, quer nos organismos administrativos locais; bem como, declara a sua incompatibilidade com as mais disfarçadas formas de colaboração com instituições burguesas, taes como a Maçonaria, etc.

O P. C. com o fim de se precaver contra a influencia reconhecidamente desmoralizadora das instituições burguesas, só perfilha e aceita a luta parlamentar nas condições seguintes:

- 1.º E' o organismo diretor do Partido quem faz a indicação das candidaturas.
- 2.º E' o organismo diretor do Partido quem determina a orientação da luta parlamentar.
- 3.º Os deputados eleitos não poderão fazer parte do organismo diretor do Partido.
- 4.º As agr. m. partidarias têm voto consultivo para a indicação das candidaturas.
- 5.º Nenhum membro do organismo diretor do Partido poderá ser proposto candidato a deputado a não ser quando sobre o seu nome recaia a votação dum terço, pelo menos, das agr. m. partidarias.
- 6.º O organismo diretor de Partido é entidade competente para irradiar os deputados que não cumpriram as suas determinações.

### A organização interna e propaganda das ideias comunistas :

Em pleno período de revolução e de reacção social; quando por toda a parte se constata que a burguesia, só pela força, pela violência e pela corrupção, lhe será

possível manter o seu dominio; quando se torna patente a burla das chamadas liberdades democraticas, quando por toda a parte a burguesia se arma a si propria e por sua conta estipendia bandos armados para a sua defesa; quando por toda a parte se observa que a burguesia procura concentrar, centralisar nas suas mãos todos os formidaveis poderes politicos e economicos do Estado creando uma formidavel organização oligarquica, modelar e inteligente para a defesa do regimen capitalista e de ataque aos seus inimigos; — pois só em processos extremos de violencia e crueldade põe ela presentemente todas as suas esperanças; paremos ser de extrema urgencia a necessidade — que o proletariado, a classe que a burguesia visa ao organizar este formidavel aparelho de coação e de violencia — crie e anteponha uma outra organização que como aquella seja tão modelar e tão inteligente e como ela tenha com a necessaria maleabilidade tanta ou mais coesão e disciplina.

Por isso, o P. C. como uma fracção do grande exercito proletariano entende que á semelhança dos partidos comunistas seus irmãos e em harmonia com os principios e regras estabelecidas nos congressos da I. C., necessita montar, desenvolver e reforçar cada vez mais todos os seus órgãos de ação, de propaganda e de educação; de forma que entre os seus diversos organismos se estabeleça uma coordenação e disciplina perfeita, com a autonomia compativel com as funções que cada organismo é chamado a desempenhar e com a responsabilidade de cada organismo partidario para com os organismos imediatamente superiores.

Para que o P. C. possa vir cabalmente a cumprir a sua missão, necessario se torna intensificar e desenvolver a educação comunista dos seus membros por meio de palestras, conferencias, leituras comentadas, formação duma biblioteca comunista, cursos, missões, etc.

E com este fim se deverá criar uma comissão sob a direção dos órgãos diretivos do Partido.

## Juventude Comunista

Reuniram no dia 21 do corrente os jovens dissidentes da ação desenvolvida nestes ultimos tempos pela J. N. J. C.

A reunião que decorreu na melhor harmonia de vistas, opinou pela immediata organização dos jovens quer em Lisboa quer na provincia e nomeou para esse efeito uma Comissão reorganizadora.

Esta Comissão tendo em vista a correspondencia internacional recebida reune na proxima terça feira, 3 de julho, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º — Leitura e discussão do relatório a enviar á I. J. C.
- 2.º — Escolha do nome da organização definitiva.
- 3.º — Apreciação dum officio do P. N. A.
- 4.º — Troca de impressões sobre a ação a desenvolver.

Como se sabe o general Wrangel o abandonar a Criméa lançou mão dos navios russos estacionados na bahia de Sebastopol e, uma vez posto a salvo, entregou-os ao governo francez.

A França recusou á Russia a entrega destes navios roubados por Wrangel, alegando a necessidade de cobrir por uma venda os gastos que fizera com a sua manutenção e reparação. Esta resposta da parte duma nação que se proclama a salvadora da civilização e da propriedade privada é simplesmente admiravel.

Lembra a historia do ladrão de cavalos que justificava o seu direito de propriedade dizendo que era ele que sustentava os animais roubados, pagando o feno de que eles se alimentavam.

A verdade é que o governo francez de Poincaré devia ter promovido a venda de 18 navios roubados por Wrangel ao povo russo, nos dias 7 e 14 do corrente mez.

Procedem para com a Russia como autenticos bandoleiros, os civilizados francezes.

## COBRANÇAS

Com o envio do n.º 3 pedimos aos nossos agentes em Lisboa e provincia que façam a liquidação dos seus debitos.

O COMUNISTA, tendo aliás garantida a sua publicação, mercê do numero de subscritores, carece em absoluto do envio regular e mensal das liquidações dos seus agentes.

Com o n.º 3 enviamos tambem pelo correio a cobrança dos assinantes referente aos meses de maio a dezembro do corrente ano.

## A questão do inquilinato

A U. O. S. L. promoveu no preterito domingo um comicio no Eden Teatro que esteve regularmente concorrido.

Esforçam-se os senhorios porque lhes seja concedida autorização para aumentar as suas rendas. F. ha ainda peor. Ha inquilinos que vivem da sublocação dos seus alojamentos arrancando o couro e o cabelo a tantos desgraçados que não dispõem de recursos para o aluguer duma casa.

Ha hoje partes de casa, dois cubiculos infectos e sem luz, que custam a exorbitancia de 130/500 por mez. E' uma barbaridade.

O operariado não poderá encarar este problema de animo leve. E' questão vital uma luta em que todos nós nos temos de empenhar até uma definitiva solução.

Os comunistas tem o dever de concorrer ás sessões promovidas pela U. S. O. L., dando o seu caloroso apoio a toda a ação tendente á defeza do inquilinato.